



MICROGESTOS: AUTORREPRESENTAÇÃO, DESVIO, INVESTIGAÇÃO DE SI E FRACASSO

¹(Celso Guimarães Júnior (PIBIC); ¹ Marcio Freitas (orientador).

1 – Departamento de Estética e Teoria do Teatro; Instituto Artes e Letras; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: UNIRIO

Resumo: O trabalho investiga atos performativos, denominados "microgestos," realizados por Celso Guimarães Júnior em espaços cotidianos para interagir com problemas sociais. Essas intervenções, executadas principalmente na UNIRIO, visam promover reflexão e bem-estar. A pesquisa sugere que essas ações artísticas podem impactar mudanças sociais em microescala, destacando a importância da arte como ferramenta política e de transformação social.

Palavras-chave: **microgesto; teatro; performance.**

Introdução: O presente trabalho busca investigar pequenos atos performativos, ou intervenções, no espaço de (con)vivência do pesquisador/performer Celso Guimarães Júnior. Esses atos artísticos são pensados e criados para interagirem com problemáticas identificadas no espaço de ação política e social cotidiano do proponente. As intervenções/performances são/foram realizadas nos espaços onde os problemas foram identificados. A viabilidade de se criar um método de intervenção artística pensado como "microgesto" também foi investigada pelo pesquisador. "Microgesto" é uma nomenclatura que está em pesquisa, mas é pensada como um processo de intervenção, por meio de arte, numa problemática percebida no cotidiano do indivíduo, sendo que esse problema afeta não somente a ele, mas o coletivo de seu convívio, direto ou indireto. Essa intervenção, por si, é uma ação política, logo um gesto, e sua caracterização como obra de arte não se limita à materialidade sensorial final. Ela se faz durante todo o processo de análise do contexto social, identificação do problema, criação de intervenção, execução e interação do público. A pesquisa se desenvolve com base no pensamento que todo gesto artístico é político no fazer teatral/perfomático. Está calcada também em pensamentos como de Rancière, Pelbart, Rolnik, Brecht, Boal, Taylor, Freire, Fabião, dentre outros. Seis "microgestos" foram tratados nesse trabalho. 1. "Cigarr Coisal" - uma escultura feita a partir de guimbas de cigarro coletadas no chão dos jardins da universidade; 2. "Microgesto sobre roupa (sem nome)" - uma performance que questiona moda, quando se propõe a desfilarmos pela avenida Rio Branco, no centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma roupa customizada, e devorar páginas de uma revista de moda em frente a uma loja de grife; 3. "Fototransporte" - uma coletânea de fotografias e escritas associadas, sobre 30 dias de viagens em transportes públicos na cidade do Rio de Janeiro; 4. "Sobre Sublimação ou, Entre Fluxos e Afetos" - conjunto de performances realizadas com familiares de pessoas encarceradas, enquanto eles aguardam o horário da visita aos parentes no Presídio Evaristo de Moraes, no Rio de Janeiro; 5. "Rede Social" - instalação de uma rede no jardim da universidade para promover descanso e um espaço de bem-estar social gratuito e livre aos frequentadores da universidade; 6. "Acinesia Cinestésica, ou sobre mobilidade" - intervenção que permite aos participantes atravessarem um trecho da universidade vendados ou de cadeira de rodas para salientar os problemas de mobilidade no ambiente universitário. A hipótese central é que intervenções artísticas em escala microsocial, tratadas como "microgestos", podem promover mudanças de pensamento e/ou soluções em escalas maiores. Investiga-se também as seguintes questões: de que maneira é possível agir sobre problemas em pequenas células sociais, como a universidade? Existe viabilidade nessa operação que intui mudança?



Objetivo: Estudar, pesquisar, desenvolver, ensaiar, realizar e documentar uma série de performances, idealizadas como “microgestos”. Dentre elas, registrar quatro que foram feitas antes da pesquisa de Iniciação Científica: “Memorial Cigarr Coisal”; “Microgesto sobre roupa (sem nome)”; “Fototransporte”; e “Acinesia Cinestésica, ou sobre mobilidade”; E, realizar e registrar duas que foram criadas durante a Iniciação Científica e ainda acontecem em repetição: “Sobre Sublimação ou, Entre Fluxos e Afetos”; e “Rede Social”.

Metodologia: Após identificação de possíveis temas e intervenções, chegou o momento de materializar as ideias. As intervenções foram realizadas pelo pesquisador/performer Celso Guimarães Júnior, com e sem ajuda de outras pessoas. Muitas performances ocorreram no espaço político/geográfico da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Os registros foram realizados por audiovisual, fotografia, escrita e gravação.

Resultados: Há a necessidade real de a arte ser entendida como ferramenta de transformação social? Há qualquer indício que a arte promova alguma diferença ou mudança nos contextos sociais? O que é possível fazer para saciar o desejo de expressão e ainda assim colaborar com a sociedade que almejamos/projetamos para o futuro? Essas questões são impossíveis de serem encerradas numa pesquisa, todavia apontamentos como o de Walter Benjamin (2012, p.71-73), levam a crer que independentemente da necessidade real da vontade política, toda forma de expressão artística é política, em seus modos de produção e expressão, e reverbera questões sociais de seu tempo. “A unicidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. Sem dúvida, essa tradição é algo de vivo, de extraordinariamente variável [...]. Mas no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política.” Como resultados, há registros das performances operando diretamente com o público em promoção de bem-estar, como na “Rede Social”, através de fotos com pessoas desfrutando do espaço para descanso, ou conversas, e também em diálogos breves, obtive devolutivas positivas sobre a promoção de um lugar de descanso e acolhimento dos corpos castigados pelo transporte público ou das jornadas longas de estudo. Ou, também, gerando inquietação, como no “microgesto” sobre roupa, ou ainda, provocando reflexão, como coletado durante “Acinesia Cinestésica, ou sobre mobilidade”. As ações foram registradas em forma de texto crítico, em fotografias, vídeos e outras mídias.



Microgesto: “Rede Social- arquivo pessoal”



Microgesto: “Acinesia Cinestésica, ou sobre mobilidade”



Conclusões: Existem motivos para crer que esperar um futuro de mudança já é um passo em direção a ela. Para além disso, há fortes indícios que reafirmam que a arte não salva, mas promove discussões e ações que interferem na lógica social estabelecida, que fissuram o capitalismo e seus modelos de opressão. No trabalho, busca-se pensar ações artísticas que são expressas, formuladas e executadas em escala microsocial, e que de alguma forma reverberam mudanças de olhar nos indivíduos. Todavia, isso não quer dizer que elas criem/promovam/estabeleçam um modelo de ação. Existem obras de arte que mobilizam não só pensamento, mas ações contra a hegemonia vigente. Logo, é possível crer que a práxis reflexiva individual seja uma ação passível de mobilizar a mudança, e, se ela operar de forma artística, aliará expressão de desejo artístico com a colaboração para uma sociedade melhor. Partindo da ideia de que a arte não tem necessidades ou funções pré-definidas para existir, a justificativa da execução de tais intervenções por si só já seria válida. Mas pensando nos exemplos de “Rede Social”, ou de “Acinesia Cinestésica, ou sobre mobilidade”, pode-se perceber que os “microgestos” são intervenções que mobilizam em microescala pessoas que interagem com elas, e promovem o bem-estar social diretamente a alguns indivíduos por dia, como idealizado no caso da “Rede Social”. Ou põe em evidência direta e em debate dificuldades de acessibilidade no campus da Universidade, como percebido nos relatos obtidos com “Acinesia Cinestésica, ou sobre mobilidade”. A viabilidade do “microgesto” como método merece mais atenção e tempo de investigação, seja em processos coletivos, seja na investigação de outros corpos em interação com essa ideia, para melhor ser explorada e possivelmente delimitada. Todavia, já mostra indícios que ações artísticas que intervêm no cotidiano do proponente em microescala também são necessárias e potentes.

Referência: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Cosac Naify, 2014.

BRECHT, Bertolt. *Anmerkungen zum Lustspiel Mann ist Mann*. *Gesammelte Werke 17: Schriften zum Theater*, v. 3, p. 980-88, 1967.

DE CARVALHO, Victa. Dispositivos em evidência na arte contemporânea. *Revista Concinnitas*, v. 1, n. 14, p. 27-33, 2009.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Sala Preta*, v. 8, p. 235-246, 2008.

FÉRAL, Josette. *Além dos limites: teoria e prática do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Sílvia. *Experiências do real no teatro*. *Sala Preta*, v. 13, n. 2, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras. São Paulo. 2ª ed. 2020.

METZGER, C. (2015). Sublimação: laço entre arte e clínica. *Revista De Psicanálise Stylus*, (31), pp. 133-143. <https://doi.org/10.31683/stylus.vi31.663>

PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. *Revista Concinnitas*, v. 23, n. 44, p. 85-99, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. “A ESTÉTICA COMO POLÍTICA”. pg 25-26 DEVIRES, BELO HORIZONTE, V. 7, N. 2, P. 14-36, JUL/DEZ 2010, in: <https://bib44.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/viewFile/325/186>

ROLNIK, Suely. Subjetividade antropofágica. *Revista Concinnitas*, v. 23, n. 44, 2022.

SILVA, Suana Medeiros. HOLLOWAY, John. Fissurar o capitalismo. Traduzido por Daniel Cunha. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. 272 p.; 23 cm. *Agrária* (São Paulo. Online), n. 19, p. 196-203, 2013.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.